

CERIMONIAL EM REVISTA

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA**

Assine gratuitamente em:
www.pedroamorim.com

A REVISTA DO CERIMONIAL



ARTIGOS

**EDITORIAL:
PRECISAMOS FALAR
SOBRE EMPATIA**

CERIMONIAL E SEGURANÇA EM EVENTOS: PARCEIROS ESTRATÉGICOS

POR PEDRO AMORIM E
CRISTIANO DA SILVA

DE PROTOCOLO, MACHISMO E OUTRAS HISTÓRIAS...

POR MARINA FERNÁNDEZ

LUTO OFICIAL E O CERIMONIAL: O QUE PRECISAMOS SABER

POR FREDOLINO DAVID

O CERIMONIALISTA COMO CONVIDADO

POR AUDA ROIG

AFINAL, O QUE FAZ UM CELEBRANTE SOCIAL?

POR LUCIANO TOLEDO E
ANDERSON AMAURY SILVA

SOBRE FALAS, SAUDAÇÕES, DISCURSOS E PRONUNCIAMENTOS...

POR POMPILIO FIDELS

ÍNDICE

- 03 "Precisamos falar sobre empatia"
Pedro Amorim | Editorial
- 05 "De protocolo, machismo e outras histórias..."
Marina Fernández
- 08 "Luto Oficial e o Cerimonial: o que precisamos saber"
Fredolino David
- 12 "O Cerimonialista como convidado"
Auda Roig
- 13 "Cerimonial e Segurança Executiva em eventos: parceiros estratégicos"
Pedro Amorim e Cristiano da Silva
- 15 "Sobre falas, saudações, discursos e pronunciamentos..."
Pompilio Fidelis
- 17 "Afinal, o que faz um Celebrante Social?"
Luciano Toledo e Anderson Amaury

REALIZAÇÃO:

**GESTÃO
Diamante**
CONSULTORIA

EXPEDIENTE | ED. 9

Editor-chefe: Pedro Amorim

Revisão final: Renata Cunha

Colunistas da edição: Anderson Amaury Silva, Auda Roig, Cristiano da Silva, Fredolino David, Luciano Toledo, Marina Fernández, Pedro Amorim e Pompilio Fidelis.

Iniciativa e realização: Gestão Diamante Consultoria | Estratégia em Cerimonial e Eventos.

Contato: cerimonialemrevista@gmail.com

Assine gratuitamente em: www.pedroamorim.com

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem a devida citação da fonte e dos autores. As ideias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões da revista.

EDITORIAL

PRECISAMOS FALAR SOBRE EMPATIA

Capacidade psicológica de sentir o que sentiria outra pessoa, caso estivesse na mesma situação que ela. Este é o conceito de "empatia", bastante conhecido nos dias de hoje, mas por vezes apenas no discurso e não na prática. O quanto realmente nos colocamos no lugar do outro ao atuarmos em Cerimonial, Protocolo e eventos?

A imagem que ilustra a capa desta edição é um símbolo marcante da histórica luta pelo empoderamento feminino e pela igualdade entre os gêneros. Esta necessidade da busca pela equidade só existe porque falta empatia para entender que, não importa o gênero, somos todos iguais. O artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos reforça que "todos têm direito à proteção igual contra qualquer discriminação". O artigo 5º da Constituição Federal diz que "todos são iguais perante a lei, sem distinção" e detalha no inciso I: "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição". Ora, sendo o Cerimonial e o Protocolo defensores das leis, normas e critérios, como poderiam ser, ao mesmo tempo, sexistas? Quem desconstrói algumas destas acusações é uma de nossas colunistas.

A empatia também está presente quando nos colocamos no lugar dos nossos convidados. Outro artigo nos convida à esse exercício. Como se sentem os convidados quando os recebemos, se sentam nos lugares determinados ou escutam a longos discursos, saudações ou pronunciamentos? Estes tipos de fala nos eventos são abordados nesta edição, que busca demonstrar que não basta preparar um discurso, mas pensar em como a plateia irá recebê-lo, afinal comunicar é se colocar no lugar do outro também.

O cuidado com o outro é também a base para o trabalho integrado entre equipes de Cerimonial e Segurança Executiva. Enquanto ambas estão planejando ações com foco na (se colocando no lugar da) autoridade protegida, é também entre estes profissionais que o respeito deve prevalecer, para alcançar os objetivos. Sobre respeito, destacamos ainda que, na nossa atividade, ele está presente até para com aqueles que já partiram. Afinal, o luto (oficial ou não) é apenas uma forma de dizer: "você não está mais aqui, mas estamos pensando em você". E o Cerimonial busca meios normatizados de demonstrar este respeito, seja determinando o número de dias ou as bandeiras hasteadas a meio mastro. Por fim, em artigo sobre os Celebrantes Sociais, a empatia está presente na matéria-prima principal: a história do casal. Afinal, não é para si que este profissional atua, mas para os(as) que ali estão para celebrar uma união.

Esta 9ª edição da **Cerimonial em Revista** é dedicada, portanto, à empatia e ao respeito, sejamos nós homens, mulheres, cerimonialistas, convidados, seguranças, autoridades, coadjuvantes... Todos temos o mesmo papel: o de respeitar o outro.

BOA LEITURA!



PEDRO AMORIM

CEO GESTÃO DIAMANTE

CONSULTOR EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE

CERIMONIAL E EVENTOS

EDITOR-CHEFE "CERIMONIAL EM REVISTA"

E-MAIL: PEDROAMORIM@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@PEDROAMORIM.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/PEDROAMORIM.CERIMONIAL)

A **Cerimonial em Revista** existe como espaço de reflexões e opiniões de profissionais de Cerimonial e eventos, para suscitar debates relevantes.

Exclusivamente composta por artigos opinativos, a publicação conta com diferentes colunistas convidados a cada edição, para dar voz ao maior número possível de profissionais, professores e colegas que estejam dispostos a compartilhar suas próprias reflexões.

**LEIA, CONTRIBUA,
DISTRIBUA!**

Gostaria de publicar um artigo nas próximas edições? Submeta seu texto opinativo de até 7.000 caracteres para cerimonialemrevista@gmail.com, com tema, título, foto e mini-curriculo.

A SUA **MARCA** REPRESENTA BEM O SEU
PROPÓSITO?

FAÇA JÁ O SEU

LOGOTIPO

exclusivo e personalizado



Renata Cunha

Comunicação Visual | www.renatacunha.co | recunha.design@gmail.com

*Assinantes da Cerimonial em Revista têm 10% de desconto

**INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA O CONCEP 2021**

XXV
CONGRESSO NACIONAL
DE CERIMONIAL E
PROTOCOLO
27, 28 E 29 DE OUTUBRO

FAÇA SUA INSCRIÇÃO:



www.cncp.org.br

**O EVENTO SERÁ HÍBRIDO,
PRESENCIAL EM BRASÍLIA-DF.**

CNCP
Brasil



CLIQUE NOS ANÚNCIOS PARA MAIS INFORMAÇÕES

Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

📞 68 9 9201-3099

☎ 68 9 9231-4301 | R.S.V.P.

📷 [izabelbarrosac](https://www.instagram.com/izabelbarrosac)

📘 Izabel Barros Assessoria

📺 Izabel Barros cerimonialista

✉ ibcerimonial@hotmail.com

📍 Rio Branco/AC



Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Rio Branco/AC



De protocolo, machismo e outras histórias...

Você não pode imaginar, caro leitor, quantas vezes já tive que ler e ouvir, com espanto, que o Protocolo é sexista. “É que abrir a porta para uma mulher não empodera”, “é que deixar a mulher andar pelo lado de dentro da calçada não é igualitário”. Certamente, mas isso não é protocolo. Costumes, boas maneiras, dizer 'bom dia' ou 'por favor' aprendem-se em casa. O Protocolo é uma ciência estudada, investigada e desenvolvida graças à análise e ao debate. Como pode ser uma ciência machista? É, por acaso, a "química" machista? E a "estatística"?

O leitor é convidado a esta viagem pelos mistérios do Protocolo. Viajaremos das monumentais pirâmides egípcias ao futuro mais próximo para descobrir se o Protocolo é sexista. Vamos decolar!

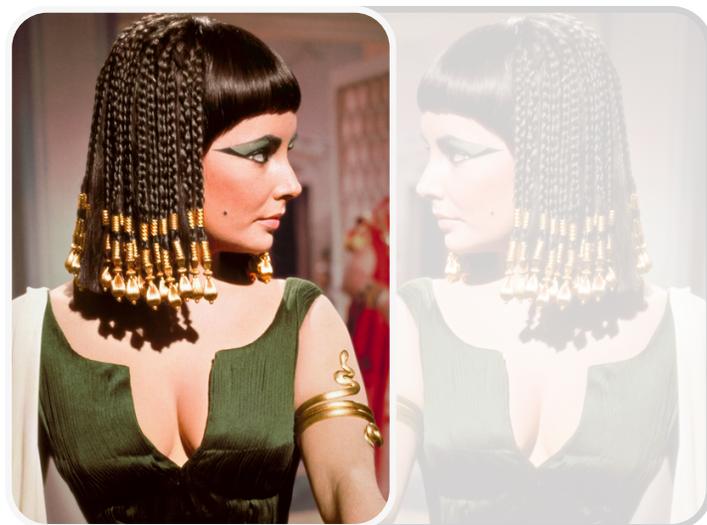
O Protocolo não está desatualizado, mas vem desde os tempos antigos. Especificamente a partir do ano 1750 aC, data em que os babilônios acharam bom escrever as primeiras disposições do protocolo no Código de Hamurabi. No entanto, a primeira parada em nossa jornada é o declínio do Egito dos Faraós, ou devo dizer o Egito da Rainha Cleópatra? É verdade que naquela época só os homens podiam ser faraós... Mas isso é uma questão política ou de protocolo? A fascinante Cleópatra entendeu que o Protocolo poderia ser uma ferramenta que, bem aplicada, seria a chave em sua tarefa de se firmar no poder.

Embora a rainha apareça no imaginário popular como a quintessência da egípcia (cabelo preto cortado a lápis, olho desenhado em kohl e a mania onipresente dos egípcios de andar de perfil), Cleópatra não era egípcia, mas vinha da dinastia ptolomaica, ou, em resumo quase infantil, grega.

*MARINA FERNÁNDEZ
MESTRE EM PROTOCOLO
INTERNACIONAL, IMAGEM E
ETIQUETA. SECRETÁRIA-GERAL DA
ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL
DE CEREMONIAL Y PROTOCOLO -
OICP, DIRETORA DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS E
COMUNICAÇÃO DA ESCUELA
INTERNACIONAL DE PROTOCOLO.



Além de se dar ao trabalho de dominar o "copta", a língua predominante entre seus súditos, a rainha sabia ler hieróglifos. Além disso, nem baixa nem preguiçosa, Cleópatra caminhou por Alexandria vestida à maneira tradicional das rainhas egípcias, usando o rótulo como meio de comunicação para lançar uma mensagem política. E ela se esforçou muito para organizar grandes sarais no "estilo egípcio", encantando seu povo, que a via como uma verdadeira patriota, apesar de sua herança ptolomaica. Cleópatra reconheceu o valor de estar associada à identidade cultural do povo que governava e entendeu que o Protocolo era uma peça fundamental para atingir seu objetivo. Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?



A atriz Elizabeth Taylor no papel de Cleópatra, no filme homônimo de 1963.

Junte-se a mim, distinto leitor, em uma nova escala em nossa jornada. Bem-vindo à intrigante era da Espanha medieval, tire sarro de Game of Thrones. Especificamente na época em que uma Isabel muito jovem irrompe no cenário político como um vendaval (sim, eu sei, pequeno vendaval e muitos anos de traições, pactos e batalhas, mas me dê licença para acelerar a narrativa). O irmão dela, o rei, morre, e Isabel não perde a oportunidade de ignorar a todos, e ao Tratado dos Touros de Guisando, e organizar um evento para ser coroada rainha de Castilla em Segóvia. Ali, diante das autoridades eclesiásticas, nobres leais, nobres tão leais que convenientemente se escondiam para a ocasião e para o povo, Isabel se autoproclama rainha e a seu marido, rei consorte.

Não só a nova rainha aparece sozinha, sem o marido Fernando, mas o ponto alto do evento veio quando Isabel brandiu orgulhosamente a espada da justiça que, até agora, estava reservada para representar o poder real masculino. Fernando não estava lá, mas e o Protocolo? O Protocolo está absolutamente presente em cada detalhe da cerimônia de proclamação de Isabel. Então, a nova rainha vê a necessidade de reforçar a sua estratégia política, da qual Fernando é um jogador fundamental. Então, e em um momento espinhoso do drama da sucessão (que na Idade Média não parecia ter um minuto de trégua) Isabel recebe o marido, que chegou vitorioso da batalha, organizando uma visita a San Alfonso.

E, demonstrando suas capacidades de estrategista política e conhecedora do poder de comunicação do Protocolo, Isabel decide que no momento-chave do acontecimento, a entrada régia, vai dar precedência a Fernando, colocando-se à sua esquerda. A mensagem é clara como a água de Pisuerga: “Nesse contexto, que temos sobre nós, precisamos exaltar a coragem militar de Fernando”. O uso do Protocolo para lançar a mensagem também é claro como o céu de Medina del Campo na primavera. Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?

Com a permissão do leitor, vamos dar outro salto cronológico importante e nos colocar na Paris do início do século XX. Entre pintores boêmios, cafés em avenidas elegantes e o eterno *savoir-faire*, uma jovem imigrante de origem polonesa, com o marido, labuta entre tubos de ensaio em seu laboratório. Os esforços de Pierre e Marie Curie foram recompensados em 1903, quando a academia sueca lhes concedeu o Prêmio Nobel de Física, dividido com Henry Becquerel. E, rufem os tambores, em 1911 a viúva Marie Curie, envolvida em um escândalo amoroso do qual os tablóides se aproveitaram, fez história ao se tornar a primeira pessoa a receber dois prêmios Nobel.



Estátua de Marie Curie em Varsóvia, capital da Polônia.

É verdade que a imprensa francesa da época quase não cobria as notícias. Também é verdade que na academia sueca nem todos queriam ver a gênica Curie conviver com suas autoridades mais proeminentes, e até recomendaram à premiada mulher que não viajasse a Estocolmo. Mas naquele 1911, o Protocolo que cercou o anúncio dos vencedores e o Cerimonial que envolvia a cerimônia de premiação era exatamente o mesmo dos anos em que uma mulher radiante não comparecia como uma homenageada de destaque. Marie recebeu seu prêmio do Rei da Suécia, com o mesmo protocolo de movimentos orquestrado para os demais vencedores, todos homens. Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?

O leitor compreenderá que, se estamos falando de figuras-chave do século XX, e neste caso já no século XXI, é preciso mencionar Sua Majestade a Rainha Elizabeth da Inglaterra. Sua marca pessoal é tão poderosa que é difícil imaginar o Reino Unido sem Elizabeth e Elizabeth sem o Reino Unido. Mas a história e as produções de ficção ensinam-nos que o reinado nasceu diferente e que foi uma série de acontecimentos que fez finalmente cair a coroa sobre a destemida cabeça de Isabel. Diz a lenda e as múltiplas biografias que o então primeiro-ministro Winston Churchill, ao ser informado da morte do rei George que fez de Elizabeth sua nova rainha, exclamou à beira das lágrimas: "mas ela é apenas uma menina!". Uma "menina" de 25 anos, casada e com dois filhos, que rapidamente compreendeu que não bastava ser rainha, também devia parecê-lo. E que o Protocolo era seu aliado perfeito.

Os atos da coroação seguiram o mesmo protocolo dos seus predecessores (e foi a primeira coroação transmitida pela televisão - o auge da modernidade na época e uma lição de como se comunicar por meio de um evento). A cerimônia de abertura do Parlamento britânico, presidido pela Rainha Elizabeth, segue as mesmas diretrizes de protocolo que seus antecessores seguiram desde 1852 (embora agora possa ser visto de qualquer lugar do mundo, via conexão *wi-fi*). O Protocolo a ajudou a construir sua imagem política, também a se "vestir" de rainha diante de seus súditos, mas não precisou ser modificado porque era ocupado por uma mulher. Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?

A última parada desta viagem nos leva a uma das cidades mais fascinantes e formais do mundo, a Washington D.C. do tempo presente, da mão da mulher que derrubou um teto de vidro que vinha resistindo. Em 20 de janeiro de 2021, Kamala Devi Harris assume o cargo de vice-presidente dos Estados Unidos. Proponho um jogo ao leitor: apontar cinco diferenças de protocolo entre esta posse e as de seus antecessores, todos homens. Proponho algo melhor, não perca tempo com meus joguinhos, pois não existem cinco diferenças de protocolo. Nem quatro, nem três... As diretrizes do protocolo do evento de inauguração são as mesmas, seja o protagonista da história homem ou mulher.

Se é novidade que o papel de VP é desempenhado por uma mulher e o cônjuge por um homem? Sim, é. E que o Protocolo leva menos tempo para se adaptar à essa novidade do que para a contagem dos votos na Geórgia? Absolutamente que sim. Lá estava o 'Segundo Cavalheiro', Sr. Douglas Emhoff, feliz e orgulhosamente segurando o sorriso de sua esposa enquanto ela jura, seguindo o mesmo Protocolo que os antecessores em suas posses de Vice-Presidente. Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?

E o futuro, como se apresenta? Alguns dos principais tronos europeus serão ocupados por mulheres (Suécia, Bélgica, Noruega, Holanda, Espanha), além, é claro, daqueles que também são ocupados por mulheres que chegam à posição através do voto eleitoral em todo o mundo. Sem falar nas mulheres que dirigem empresas internacionais. E o protocolo de depois de amanhã? Você estará mais do que preparado para a situação. Aquele Protocolo que escreveu convites em nome de 'Fulano de tal e Senhora', uma vez que a sociedade da época o exigia, será preparado porque é o avô deste Protocolo que escreve convites (ou os insere em códigos QR) em nome de 'Fulanit@ de tal e acompanhante'. **O Protocolo está preparado porque não vê homens e mulheres, vê cargos.** O Protocolo está preparado porque em termos de gênero, é cego. E não só é elaborado, mas é necessário, porque o Protocolo respeita as diferenças, gera entendimento. É necessário porque é um alicerce fundamental na campanha de comunicação abrangente. E se não, pergunte aos egípcios hipnotizados por Cleópatra.

O Protocolo não é machista, mas uma ciência da qual deriva uma profissão moderna, intimamente relacionada às disciplinas comunicativas. Tenha em mente, a esta altura, leitor paciente, o que dizia o grande Charles Maurice de Talleyrand: "Só os tolos zombam do Protocolo. Simplifica a vida". Isso seria possível se o Protocolo fosse sexista?

MARINA FERNÁNDEZ (MADRI, ESPANHA)

E-MAIL: MARINA@PROTOCOLO.COM

INSTAGRAM: [@MARINAEIP](https://www.instagram.com/MARINAEIP)

Luto Oficial e o Cerimonial: o que precisamos saber

A morte é algo difícil e chocante, mas inexoravelmente um dia ela baterá à nossa porta; não sabemos a hora e o dia, se virá de forma repentina ou antecedida de prolongado período de sofrimento. Quanto mais amada e admirada a pessoa tiver sido em vida mais doloroso o sentimento de pesar e saudade dos que ficam. Para superar a dor e a tristeza pela morte de alguém se procura consolo nas crenças religiosas e na psicanálise. Todas as grandes religiões e até as pequenas crenças têm seus rituais de consolo e suas justificativas e explicações para a morte. As religiões, seus rituais e a psicanálise são poderosos aliados no consolo da elaboração do luto.

Os ritos funerários e o culto aos mortos se confundem com a história do homem e ajudam a forjar a nossa cultura.

A celebração dos mortos era uma constante no antigo Egito dos faraós. Um dever acima das leis humanas na antiga Grécia, Roma e nas culturas pré-colombianas da América: celebrar os mortos era celebrar a vida.

A vida moderna aboliu muitos sinais exteriores de luto. Em um passado nem tão distante assim, havia as carpideiras, mulheres mercenárias que acompanhavam os funerais chorando os mortos. Até algumas décadas atrás, nossos pais e avós, quando a tristeza da morte atingia algum membro de sua família, os homens usavam terno e gravata de cor preta, as mulheres, longos vestidos também escuros. Hoje, esses trajes limitam-se ao velório e sepultamento.

O hasteamento da Bandeira a meio mastro é sinal exterior de luto oficial, bem como o rico e pomposo cerimonial de honras fúnebres, tanto o militar como o religioso.

*FREDOLINO DAVID

CERIMONIALISTA TITULAR DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO E DA
ACADEMIA DE LETRAS DOS
MILITARES ESTADUAIS DE SC.
FOI CHEFE DO CERIMONIAL DO
GOVERNO DO ESTADO DE SANTA
CATARINA POR DUAS GESTÕES E
É PRESIDENTE DO CONSELHO
CONSULTIVO DO CNCP BRASIL.



Quem não se lembra do funeral do Papa João Paulo II ou então o do ex-Vice-Presidente José de Alencar, do Governador de Pernambuco Eduardo Campos ou do funeral coletivo dos jogadores e comitiva da Chapecoense, mortos tragicamente em acidente aéreo na Colômbia, no dia 29 de novembro de 2016? Claras e comoventes manifestações de sinais exteriores de luto.

Em nosso meio, os rituais mais conhecidos são os cristãos, em especial os da Igreja católica, como encomendação do corpo, Missa de corpo presente, de sétimo dia, trigésimo dia e aniversário de falecimento. A Bíblia Sagrada traz farta referência ao luto e palavras de conforto. No Apocalipse de São João, Cap. 21, 5-8, Deus promete a renovação de tudo, pois Ele é a fonte e o fim da vida. Ele dá a vida a quem a desejar. “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap.21, 4).

O Antigo Testamento é pródigo em referências ao luto, em especial os profetas. Alguns versículos:

*“Fili, in mortuum produc lacrymas, et quasi dira passus
incipi lamentationem” - Eclo 38,16.*

*(Filho, derrame lágrimas pelo morto, e faça luto como
alguém que sofre profundamente).*

“Et fac luctum secundum meritum ejus uno die, vel duobus, propter detractio” - Eclo 38,18.

(Toma luto segundo o merecimento da pessoa, um ou dois dias, para evitar comentários).

Sigmund Freud, ao explicar a tristeza e dor da perda de algo muito querido, faz uma correlação entre a melancolia e o luto. Explica que o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto. Melancolia do grego “melagcholia” é o estado mórbido de tristeza e depressão. Os traços da melancolia são de um desânimo profundamente penoso, cessa o interesse pelo mundo externo e a capacidade de amar. Melancolia é a perturbação da autoestima.

Luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, tornando o mundo pobre e vazio, mas sentimento esse temporário e sem perder a autoestima. Melancolia, as mesmas influências; mas é tão prolongado que passa a ser patológico e inexistente a autoestima. O luto torna o mundo pobre e vazio; na melancolia, é o ego que se torna pobre e vazio.

Segundo o mestre Aurélio, luto, do latim “luctu”, é o sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém; oficial, também do latim “officiale”, o que é proposto ou emana de autoridade legalmente constituída.

Luto oficial, portanto, é o sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém, proposto por uma autoridade legalmente constituída. Via de regra, as autoridades que decretam luto oficial são o Presidente da República, para todo território nacional, o Governador e o Prefeito Municipal em suas respectivas Unidades Federativas. Outras autoridades também podem decretar ou determinar luto no âmbito de suas organizações.

Luto nacional: sempre que o Presidente da República decretar e no dia de finados (2 de novembro). A decretação de luto nacional é prerrogativa do Presidente da República. Nos dias de luto nacional a Bandeira Nacional será hasteada em funeral (meio mastro ou meia adriça). Não há luto oficial nos dias de festa nacional (07/09 e 15/11). Embora não esteja previsto em lei, há consenso que no dia da Bandeira Nacional (19/11), ela não seja hasteada em funeral.

Luto estadual e distrital: sempre que o Governador decretar. **Luto Municipal:** sempre que o Prefeito Municipal decretar.



Bandeira do estado de São Paulo a meio mastro em luto estadual oficial pelas vítimas do coronavírus, em 7 de maio de 2020, na cidade de São Paulo. (Foto: Divulgação/Governo do Estado de São Paulo)

Lutos diversos: No âmbito, dos Poderes Legislativos da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, e dos Poderes Judiciários da União, Estados e Distrito Federal, quando decretado pelos respectivos Presidentes. No âmbito das demais organizações públicas e privadas quando declarado ou determinado pela maior autoridade do órgão.

O período normal para luto nacional é de três dias, podendo ser estendido, em face de notáveis e relevantes serviços prestados ao País pela autoridade falecida, por até sete dias. No caso de falecimento do Presidente da República, será de oito dias.

A duração do período de luto estadual e municipal depende do disposto na respectiva legislação. Por analogia e boa hermenêutica segue-se o padrão nacional, ou seja, até oito dias por falecimento do Governador e Prefeito e três dias para os demais casos.

Nos dias de luto nacional é obrigatório o hasteamento em funeral da Bandeira Nacional, em todas as repartições públicas, nos estabelecimentos de ensino e sindicatos.

A Bandeira Nacional fica a meio-mastro ou meia-adriça. Nesse caso, no hasteamento ou arriamento, deve ser levada inicialmente até o tope. Em desfile ou marcha, atase um laço de crepe na ponta da lança. As demais bandeiras, bandeiras insígnias, estandartes e símbolos permanecem também a meio mastro.

Conforme prescrito no Art.12 da Lei nº. 5.700/71, a Bandeira Nacional permanentemente hasteada em mastro especial plantado na Praça dos Três Poderes de Brasília, no Distrito Federal, como símbolo perene da Pátria e sob a guarda do povo brasileiro, é a única Bandeira Nacional que não será hasteada em funeral quando decretado luto oficial.

Durante o velório ou parte dele e durante o féretro, o ataúde poderá ser coberto com a Bandeira Nacional até início do ato de inumação; a tralha ficará na cabeceira do ataúde e a estrela isolada “espiga” à direita. Não serão admitidas outras bandeiras. Caso sejam colocadas outras bandeiras, retira-se a Bandeira Nacional.

Para que a Bandeira Nacional não esvoace, ela poderá, se necessário, ser fixada ao ataúde. Antes do sepultamento, deverá a bandeira ser dobrada conforme descrito no cerimonial militar e entregue à família do falecido.

A Bandeira Nacional fica a meio-mastro ou meia-adriça, nos dias de luto nacional e no dia de finados. Além da Bandeira Nacional, todas as bandeiras, estandartes e insígnias que compõem o dispositivo de bandeiras, são hasteadas em funeral.

Quando o luto for apenas estadual ou distrital, a Bandeira Nacional não será hasteada em funeral, apenas a estadual ou distrital e as de hierarquia inferior à do Estado ou Distrito Federal.

No luto municipal, apenas será hasteada em funeral a do município e as que hierarquicamente lhe são inferiores.

O hasteamento da Bandeira Nacional em funeral nas sedes dos poderes legislativos federal, estaduais e municipais, bem como nos tribunais federais, estaduais e distrital, aplica-se o que prescrevem os incisos do Art. 18 da Lei 5.700/71.

As honras fúnebres e luto são manifestações de pesar exteriores pela perda de um ente querido. São homenagens póstumas nas quais buscamos consolo. A história nos mostra muitas e diversas culturas e a maneira de traduzirem publicamente sua dor pela perda dos seus entes queridos. As escrituras sagradas narram histórias coletivas de pesar dos Hebreus, como a morte de Moisés, cujo luto prolongou-se por trinta dias. Gregos, egípcios, romanos, incas, maias e astecas todos registram comoventes rituais fúnebres. **Mas sem dúvida para a civilização ocidental, a influência maior na celebração dos ritos fúnebres vem do cristianismo; ritos esses fundamentados na esperança de uma vida eterna no paraíso.**

Além do luto oficial, manifestado por decretos, hasteamento de bandeiras a meio-mastro, honras fúnebres, na nossa cultura estão arraigados outros hábitos culturais e de fé dos enlutados como, as orações do enlutado, celebrações de sétimo dia, trigésimo dia e aniversário de morte, lápides sobre a sepultura e periódicas visitas ao túmulo do ente querido.

FREDOLINO ANTÔNIO DAVID (FLORIANÓPOLIS, SC)

E-MAIL: FRED.DAVID1947@GMAIL.COM

Webinars, Palestras e Treinamentos in company

GESTÃO DA IMAGEM E REPUTAÇÃO

GESTÃO DE PESSOAS

GESTÃO DA QUALIDADE

GESTÃO DE PROJETOS

GESTÃO DO RELACIONAMENTO

GESTÃO DE PROCESSOS E INOVAÇÃO

GESTÃO DE DESEMPENHO

GESTÃO DO CONHECIMENTO

GESTÃO DE RISCOS E CRISES

TÉCNICAS DE NEGOCIAÇÃO E CONFLITOS

Valorize seu lado
profissional.
Aprimore suas
dimensões.



www.pedroamorim.com

Gestão Diamante Consultoria

QUEM NÃO É
VISTO, NÃO É
LEMBRADO



QUANDO VOCÊ NÃO
ANUNCIA O SEU PRODUTO
OU NÃO FAZ UMA BOA
DIVULGAÇÃO, NÃO TEM
COMO O SEU PÚBLICO
CONHECER AS VANTAGENS
DO SEU PRODUTO OU
SERVIÇO.



Quer anunciar na próxima edição da revista?

Envie um e-mail para cerimonialeemrevista@gmail.com e conheça valores e benefícios.

O Cerimonialista como convidado

É assim que vivemos o Protocolo e o Cerimonial.

Quando trabalhamos em Cerimonial e Protocolo, na maioria das vezes estamos criando e organizando atos ou eventos para autoridades e pessoas que nos contratam. Tentar facilitar a vida dos outros é o principal slogan. Isso implica em ter aptidões e atitudes que nos permitem desenvolver corretamente a nossa atividade. **O que nunca dizemos é que ao sermos nós os protagonistas ou os convidados de um ato ou evento, é um tanto difícil nos desconectarmos do traje de cerimonialista ou protocolista.**

Em primeiro lugar, equilibrar e conseguir adaptar o nosso horário a qualquer atividade fora do trabalho é uma missão quase impossível e, se o fizermos, ainda estaremos atentos a alguma tarefa pendente.

Uma vez que organizamos o tempo para nós mesmos, nos deparamos com o segundo dilema. Na hora em que um cerimonialista abre o seu guarda-roupa, seu vestuário quase sempre está repleto por modelos e cores clássicas, longe dos estilos da moda (e não só isso, nossos modelos são quase todos iguais, dignos do guarda-roupa de Angela Merkel).

Uma vez que conseguimos estar “vestidos para a ocasião”, nos deparamos com a próxima etapa: a chegada ao local do evento. Acho que não estou exagerando se lhes digo que a primeira pessoa que nos recebe costuma ser uma pessoa conhecida, uma pessoa do campo de cerimônias ou eventos, então aquele objetivo de desligar-se do trabalho encontra mais um obstáculo.

*AUDA ROIG

ESPECIALISTA EM PROTOCOLO, CERIMONIAL, ETIQUETA E IMAGEM. AUTORA DO LIVRO "¿ETIQUETA, CEREMONIAL O PROTOCOLO?". DIRETORA DE EVENTOS E VISITAS OFICIAIS DO MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DO PARAGUAI E VICE-PRESIDENTE 3ª DA OICP.



Depois de recebidos e conduzidos ao nosso assento ou local, passamos a medir por inércia os tempos, os locais, a precedência, o palco, a disposição dos símbolos nacionais, se houver, ficamos observando se há escadas ou não para que os protagonistas possam entrar ou sair confortavelmente, se os arranjos de flores estão do tamanho certo. Tudo isso ao mesmo tempo em que continuamos a tentar ser apenas convidados e não estarmos imersos na nossa profissão.

Chega então a hora do evento em que deveríamos desfrutar da gastronomia. Eis que no serviço de *catering* reconhecemos outro colega do nosso cotidiano, como um fornecedor ou garçom. Assim, reconectamos nossa tarefa diária com o evento que estamos participando. Por fim, no nosso telefone celular, companheiro inseparável, chega uma mensagem com o texto: “Acabou de entrar na agenda um evento de última hora!”.

E assim vivemos situações próprias da nossa atividade, que não nos dá arrependimentos, mas histórias para transmitir às gerações futuras uma profissão apaixonante, solidária, respeitosa, de trabalho em equipe e em constante desenvolvimento. E isso nada mais é senão: "Cerimonial e Protocolo"!

AUDA ROIG (ASSUNÇÃO, PARAGUAI)

E-MAIL: INFO@AUDAROIG.COM.PY

SITE: WWW.AUDAROIG.COM.PY

Cerimonial e Segurança em eventos: parceiros estratégicos

***PEDRO AMORIM**

CEO DA GESTÃO DIAMANTE CONSULTORIA, DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DE CEREMONIAL Y PROTOCOLO, E DIRETOR DE PLANEJAMENTO DO CNCP BRASIL. FOI CHEFE DO CERIMONIAL DA PETROBRAS ENTRE OS ANOS 2009 E 2020.



***CRISTIANO DA SILVA**

PROFISSIONAL DE SEGURANÇA PESSOAL E DE AUTORIDADES DESDE 1999; CRIADOR E INSTRUTOR DO CURSO TRIÁDE TREINAMENTOS TÁTICOS. MBA EXECUTIVO EM SEGURANÇA PRIVADA: SAFETY E SECURITY; ATIRADOR DESPORTIVO-CAC E PRATICANTE GRADUADO DE JIU-JITSU.



Eventos são ferramentas poderosas de imagem e comunicação para qualquer instituição. Não à toa, convites são disputados, e atividades como Cerimonial, Comunicação e Segurança, demandadas com alta confiança e nível de detalhe. Ao mesmo tempo em que um evento pode alavancar uma reputação, também apresenta inúmeros riscos à imagem e à integridade das autoridades.

São diversas áreas envolvidas na organização de eventos. Geralmente sob a batuta do Cerimonial, a condução reúne diversos parceiros internos para o alcance do sucesso. Apesar de atuar na condução do processo, todo assessor de Cerimonial compartilha de uma mesma certeza: a de que ninguém trabalha sozinho. A parceria e colaboração com diversos atores internos e externos é essencial para o êxito do evento, e para a participação efetiva e segura de todas as autoridades e convidados presentes.

O Cerimonial é, por definição, a "sequência de acontecimentos que resulta em um evento" (Gilda Fleury, 2001). Neste conceito, estão implícitos todos os passos, discursos, normas, atrações, acessos, enfim, todos os componentes da cerimônia, incluindo a movimentação e a participação das autoridades. Ora, é impossível então definir o correto e mais adequado sequenciamento de tantas etapas e ações sem o diálogo estreito com aquela que irá garantir a integridade de todos os envolvidos: a segurança executiva. É a partir da negociação e do acordo entre Cerimonial e Segurança que serão determinados os "tempos e movimentos" das autoridades e convidados dentro de cada evento.

É importante destacar que a negociação entre Cerimonial e Segurança, tão necessária, deve acontecer sob a tutela de dois princípios fundamentais: o respeito e a empatia. As duas atividades são estratégicas e envolvem imagem e reputação, mas também a integridade física e moral de líderes e das instituições a que representam.

Logo, atuam no zelo à reputação institucional e/ou corporativa. Um desalinhamento pode ser fatal para as pessoas envolvidas ou para as instituições que representam. O respeito entre estes profissionais deve nascer da compreensão de que se tratam de atividades que demandam conhecimento técnico, preparação e treinamento específicos. Já a empatia, permite compreender que o olhar do outro tem valor e experiência envolvida. Quando uma ou outra área manifesta suas opiniões ou preocupações sobre um determinado ponto de negociação, é porque existe uma fundamentação técnica que só cabe a quem a domina.

Foto: Acervo pessoal

O respeito e a empatia devem, portanto, ser as guias para os contra-argumentos que tornem a negociação entre as áreas mais produtiva e centrada, sem jamais perder o foco no cliente.

Outro ponto essencial da relação entre Cerimonial e Segurança é a comunicação como vetor de redução de riscos, com ambas áreas atuando com comunicação efetiva e sem ruídos nas informações trocadas. Ela pode ser de cunho informal, apenas por contato telefônico, mas também formal, com troca de informações e e-mails contendo dados de veículos e de pessoas, por exemplo. Uma boa comunicação deve incluir também uma integração presencial, com reuniões de alinhamento, ensaios e atuações conjuntas em receptivos e condução interna das autoridades e convidados.

Um evento possui suas fases bem delimitadas. Na primeira, conhecida como pré-evento, a união entre Segurança Executiva com o Cerimonial se inicia e se torna a chave para planejar com que o evento transcorra de forma que a segurança pessoal possa cumprir seu objetivo de preservar a vida e a imagem do seu protegido e o Cerimonial realizar o receptivo e cumprir todos os protocolos pré-estabelecidos.

Já no transcorrer do evento, é necessário cumprir o roteiro previamente acordado durante as reuniões preparatórias ou ensaios realizados, como: locais de desembarque e embarque do protegido, acessos, liberações, elevadores, poltronas, banheiros reservados e local para aguardar o início do evento, entre outras informações pertinentes ao planejamento e missão precursora realizada pela equipe de segurança pessoal.

Todo evento é um momento crítico para o Cerimonial, a Segurança e também para as próprias autoridades, por seu potencial de alavancar ou comprometer integridades e reputações.



Equipes de Cerimonial e Segurança Executiva da Petrobras atuando em conjunto nas despedidas entre os então Presidentes Lula (Brasil) e Sergio Gabrielli (Petrobras), em evento em Ribeirão Preto, em novembro de 2010.

Pequenos desalinhamentos, como por exemplo, um desembarque equivocado em área onde o protegido fica exposto a repórteres e transeuntes, ou em local não mapeado pelo Cerimonial, podem representar incertezas no caminho e levar a ânimos exaltados. Porém, não devem representar quebra de confiança entre as áreas, uma vez que alterações no decorrer do evento podem ser realizadas de última hora por questões de segurança ou de Cerimonial, devendo prevalecer o respeito e a empatia anteriormente citados, antes de qualquer contestação ou conflito.

De uma forma ou de outra, seja pelo olhar do Cerimonial ou da Segurança pessoal, o desafio de nos comunicarmos com eficiência, eficácia, sinergia e humildade, jamais supondo que um segmento é mais importante que outro, é a chave para o alcance de bons resultados, sejam eles no êxito do evento ou na integridade dos envolvidos.

PEDRO AMORIM (RIO DE JANEIRO, RJ)

SITE: WWW.PEDROAMORIM.COM

INSTAGRAM: [@PEDROAMORIM.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/PEDROAMORIM.CERIMONIAL)

CRISTIANO DA SILVA (RIO DE JANEIRO, RJ)

E-MAIL: CRISTIANODASILVA202@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@CRISTIANOSILVA8460](https://www.instagram.com/CRISTIANOSILVA8460)

Sobre falas, saudações, discursos e pronunciamentos...



* POMPILIO FIDELIS
CERIMONIALISTA E MESTRE DE CERIMONIAS, APOSENTADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. ATUA EM ÓRGÃOS PÚBLICOS E PRIVADOS, E MINISTRA CURSOS DE CERIMONIAL PÚBLICO E UNIVERSITÁRIO DESDE 2013. É MEMBRO DA ABPC E JÁ PRESIDIU O FORCIES, FÓRUM PARCEIRO DESTA REVISTA.

Nós, cerimonialistas e mestres de cerimônias mais experientes, seja nas organizações públicas e/ou privadas, somos convocados aos eventos quase diariamente, dependendo do porte da organização. Imaginem uma grande prefeitura, universidade ou empresa multinacional e sua agenda concorrida. As demandas vêm desde a diretoria, reitoria, governadores e prefeitos, até de estruturas menores (mas não menos importantes). Podemos imaginar a posse de um presidente da Petrobras, com centenas de pessoas presentes ou uma reunião de especialistas internacionais em extração de petróleo a 6000 pés, com apenas 20 técnicos, mas fundamental para a empresa. Nosso grau de comprometimento é o mesmo.

A experiência na função de cerimonialista pode nos proporcionar um grau de confiança junto aos gestores, deixando-os tranquilos de que a prática dos protocolos é regimental e dentro do bom senso, buscando a perfeição. Foi nesse embalo que, por muitas vezes, fui consultado e indicado pelos gestores a terceiros, que como fosse o nosso planejamento do evento seria o melhor. E é nas reuniões preparatórias que discutimos as falas, quem tem direito, como melhor fazê-las e o tempo para cada orador.

De início vem a composição das mesas de honra ou de autoridades. Em outros casos, são chamadas a ficar de pé no palco ou local apropriado, conforme o tipo de evento.

Autoridades que representam instituições ou cargos são convidadas ao uso da palavra (falam pela instituição ou seus pares). Podem também ser chamados homenageados, esses falam de suas experiências pessoais, familiares e ou afetivas.

Vale aqui o lembrete que nem todos que fazem parte de uma mesa de honra podem ou devem falar. Fundamental observar o tipo de evento, o público presente e a duração, nunca muito rápido e não muita extensa.

Nas reuniões prévias com o anfitrião ou seguindo os manuais de eventos da instituição, já se sabe quem deve falar, quem tem a prerrogativa, deixando uma eventual quebra de protocolo por conta da presidência da mesa.

Dos que terão direito a voz, melhor que saibam, inclusive sua posição na precedência, com tempo de fala, assim podem se preparar com uma certa antecedência, estando mais atentos, diminuindo a chance de erros e surpresas.

A chamada do mestre de cerimônias já pode conduzir ao que cabe a cada um. A uns anunciamos a fala ou saudação, a outros o pronunciamento e ou discursos em alguns casos. Para **falas e saudações**, é prudente maior brevidade, objetividade. Não precisa texto escrito, nem é necessário nominar as demais autoridades, pois o mestre de cerimônias já o deve ter feito. Dizer da importância do momento, dar as boas vindas e desejar sucesso.

No Cerimonial universitário, por exemplo, os **discursos** são reservados aos discentes e/ou docentes nas Colações de Grau. Aqueles que foram escolhidos pelos graduandos têm o espaço para uma fala de despedida, pode ser marcante - ficará para a história!

Porém, o discurso precisa ser limitado em tempo, não é uma última aula, no fim da cerimônia já longa e com público cansado. Por isso cuidado, **mais vale um texto curto e objetivo com aplausos do que muito técnico e com todos pedindo para que acabe logo**. Tudo isso cabe também a um diretor, vereador, prefeito.

Os **pronunciamentos** ficam para a autoridade maior ou o anfitrião, aquele que recebe, que acolhe a todos. Este deve falar da tribuna e pode ter o texto escrito, um pouquinho mais longo, mas objetivo, motivador, amarrado ao tipo de público. Se gosta de improvisar, que tenha pelo menos uma lista de tópicos para não se repetir, não se alongar.

De qualquer maneira, a primeira preocupação é o público, quem está na plateia, ali na sua frente. No ambiente universitário são graduandos, seus familiares (com pessoas idosas e crianças), público em geral, docentes de uma área específica, empresários, autoridades políticas, enfim, vários tipos de público.

A plateia deve ser motivo de preocupação quanto à linguagem a ser usada, titulações, duração da fala e conveniência de assuntos que possam gerar controvérsia, gerando inclusive risco de manifestações do público.

Ainda no Cerimonial Universitário, costume registrar a titulação completa das autoridades acadêmicas apenas uma vez: "professor doutor fulano de tal, magnífico reitor da universidade (nome por extenso)". Repetia-se isso diversas vezes na solenidade, a partir da segunda chamada melhor dizer professor... reitor da (sigla).

Religião se discute em igrejas e espaços específicos. Política se discute em convenções partidárias. Imaginar-se como público, se o texto é coerente com o evento, se é longo, se não está repetindo o que o outro orador já disse, e o respeito ao tempo total do evento ou solenidade. Brevidade e objetividade é o que recebem os mais experientes.

Com o advento dos aparelhos celulares, todos os eventos têm a possibilidade de, no caso de uma situação inesperada "viralizar", vir a público antes mesmo do final do evento, trazendo ao cerimonialista, em última análise, a responsabilidade.

Vale muito a experiência pessoal de cada um. Quem já não tentou encerrar um discurso longo demais, onde a plateia já começou a se manifestar e o orador ainda tinha 3 páginas para ler? Em alguns casos o anfitrião lhe apoia, em outros está entusiasmado, acompanhando.

Enfim, são observações de quem acompanha diariamente e, muitas vezes, ao final da cerimônia, cumprimenta os oradores. Em outras, reza para que acabe logo...



POMPILIO FIDELS (FLORIANÓPOLIS, SC)

E-MAIL: POMPILIOF@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@POMPILIOFIDELIS](https://www.instagram.com/POMPILIOFIDELIS)

Afinal, o que faz um Celebrante Social?



***LUCIANO TOLEDO**
CELEBRANTE SOCIAL,
APRESENTADOR DE EVENTOS E
SOCIÓLOGO. ATUANDO NO
MERCADO DE EVENTOS HÁ 15
ANOS. É CO-FUNDADOR DO
NOVO CERIMONIAL.

***ANDERSON AMAURY SILVA**
MESTRE DE CERIMÔNIAS,
APRESENTADOR DE EVENTOS,
CELEBRANTE SOCIAL,
FUNDADOR E CEO DO NOVO
CERIMONIAL, CONSULTOR EM
COMUNICAÇÃO DE EVENTOS.



Essa nomenclatura foi escolhida dentro do movimento conhecido por Novo Cerimonial. O NC debate e dialoga diretamente com a classe temas como: qualificação, valorização, posicionamento, precificação e profissionalismo no mercado de eventos e Cerimonial. O termo "Celebrante Social" começou a ser usado com força em julho de 2016. Ainda hoje os celebrantes sociais são confundidos com cerimonialistas ou mestres de cerimônias e, para nossa surpresa, a nomenclatura foi bem aceita e ganhou o Brasil. Podemos afirmar que Celebrante Social ainda não é uma nova atividade profissional, nem reconhecida pelo Ministério do Trabalho e/ou na Classificação Brasileira de Ocupações.

Então o que é um Celebrante Social, afinal? O NC entende que, além de um tradutor de sentimentos ou porta voz, é um mensageiro de uma história, uma história que não é dele. Ele é um condutor de acontecimentos, que eleva o encontro das pessoas à uma cerimônia cheia de cultura, ritos, símbolos, enriquecidos e ventilados por poesias. Enxergamos como uma nova forma de celebrar a vida baseada na história das pessoas. E para isso, a "atividade profissional" deve ser exercida com respeito às tradições, às religiões e às opiniões diversas.

Para o NC, a matéria-prima principal do Celebrante Social é a história do casal. Essa é sua literatura, que somada ao seu repertório propicia a criação de uma arte: a arte de celebrar. A celebração está no conjunto de afetos que os envolvidos entregam ao celebrante. É um jogo macio de confiabilidade. Uma conexão entre amigos. **O celebrante captura as verdades dos envolvidos, transforma em uma mensagem e a interpreta com total entrega.** Claro que estudo, conhecimento e preparo são fundamentais para ser um PROFISSIONAL Celebrante Social. O NC estimula incansavelmente essa ideologia de aperfeiçoamento.

E para oficializar, o que devemos fazer? Primeiro precisamos dizer que é um longo trabalho que deve ser realizado pelo coletivo. Por isso, além do debate anual do Novo Cerimonial, criamos o guia prático de deveres e direitos dos profissionais, cursos e mentorias destinados aos que buscam esse aperfeiçoamento. Realizamos bianualmente o INSPIRAR, evento de homenagem ao profissional, assim buscamos valorizar e trazer linguagem universal para o tema dentro do mercado de eventos.

Também escrevemos a Lei 386/2021 que, juntamente assinada pela Deputada Carla Morando, vai instituir o Dia do Celebrante Social, a ser comemorado no Estado de São Paulo no dia 18 de julho. A lei está em último andamento dentro da Assembleia Legislativa de São Paulo e esse marco promete ir a todos os Estados Brasileiros a fim de criarmos representatividade profissional e quem sabe um dia, tornar essa a nomenclatura uma Atividade Profissional Regulamentada e de livre trabalho no País.

LUCIANO TOLEDO (SÃO PAULO, SP)

YOUTUBE: /LUCIANOTOLEDO

INSTAGRAM: @LUCIANOTOLEDOOFICIAL

ANDERSON AMAURY SILVA (SÃO PAULO, SP)

E-MAIL: ANDERSONSILVA.MESTRE@GMAIL.COM

INSTAGRAM: @NOVOCERIMONIAL

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



ACADEMIA BRASILEIRA DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO



**TODO
CERIMONIALISTA
PRECISA SER
ESTRATEGISTA.**

**TREINAMENTOS,
WEBINARS E
CONSULTORIAS EM
GESTÃO DE EVENTOS,
CERIMONIAL E
PROTOCOLO.**



**GESTÃO
Diamante**
CONSULTORIA

www.pedroamorim.com